

Gravação: ep08_pandeiro_vimeo_2.0

Duração: [00:26:42]

Legenda	Descrição
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Marco Suzano
Orador B	Bernardo
Orador C	Gabriel
Orador D	Rodrigo

Início da Transcrição [00:00:54]

Orador A: O "Som e o Silêncio" é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos. Do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dar essa parceria? Essa busca pelo som ideal? Essa é a pergunta que eu, Marco Suzano, músico e percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia do pandeiro.

(-música)

Orador A: Fala, Bernardo.

Orador B: Fala, mestre.

Orador A: Aí, garoto. Beleza, Gabriel?

Orador C: Beleza.

Orador A: Obrigado, aí, pela presença, cara.

Orador C: O prazer é nosso.

Orador A: Vamos descer aqui, a ladeira. Vamos lá para o nosso clube. Tem uma rampinha. Vocês já vieram aqui?

Orador B: Já.

(-música)

Orador B: Meu pai, ele comprou um tamborim pra me acompanhar, e não contrário, né. Eu influenciei meu pai a entrar (-risos)

Orador A: (-risos)

Orador B: Pra ela não deixar o moleque lá, sozinho. Então, eu não ia pra matinê, minha adolescência foi acompanhando adulto, né. E aí, o Nanando foi lá e me deu o LP Danças das Cabeças, do Egberto Gismonti e Naná Vasconcelos.

Orador A: Isso foi uma pancada.

Orador B: "Aí, moleque, ouve aí".

Orador A: Aí tua cabeça dançou?

Orador B: Aí eu tinha treze anos, eu botei esse LP, LP mesmo, né.

Orador A: É.

Orador B: Bum, botei e, aí, chorava, e não sei o quê. Me emocionava, né. E eu falei:

"Caraca". A emoção era assim: eu sou músico.

Orador A: E o Bernardo foi, eu acho, uma das minhas primeiras cobaias no meu curso de pandeiro, que eu dei na [inint] [00:02:27]. E é interessante, porque nessa época eu pensei em dar um curso em que as pessoas tocassem pandeiro, independente de estilo, né.

Orador B: Porque o pandeiro, antigamente, era um instrumento regional. Existe em várias culturas, tradições de pandeiro no Brasil, no mundo. O *frame drum*, quando a gente fala *frame drum* é "tambor emoldurado", né, que é uma categoria. E o *frame drum* é milenar, assim, cinco mil antes de Cristo tem registro, na Bíblia tem registro, muito ligado às mulheres e tal. E, no Brasil, se espalhou: capoeira, choro, partido alto, o frevo, o cavalo marinho e várias outras culturas. Mas agora, a partir do Suzano, que o pandeiro pegou esse caráter universal. O que que é um pandeiro universal? O que é instrumento universal? O piano é um instrumento universal, violão é um instrumento universal. É um instrumento de síntese de ideias, você pode colocar a ideia que você quiser no instrumento. O pandeiro está indo nesse caminho e o inventor disso aqui está do meu lado.

Orador A: (-risos) Boa, boa.

Orador B: (-risos) Obrigado.

(-risos)

(-música)

Orador C: Eu comecei com nove anos, eu entrei pra escola de samba com de treze, quatorze. Na minha época não tinha uma loja pra comprar um repique legal, sabe, igual a gente tocava escola de samba. Então, isso é muito recente, principalmente pra percussão e pros instrumentos do samba, né.

Orador A: É.

Orador C: Agora que tão fazendo uma caixa bem acabada, tamborim, repique também com acabamento legal. Coisa que, com os outros instrumentos de corda, já tem uma tradição maior, né.

Orador A: Muito maior.

Orador C: Tem um cuidado e uma atenção maior do que pra esses instrumentos de percussão.

(-música)

Orador A: Fala Rodrigo. Obrigada, Sabrina. Aí, Rodrigo.

Orador D: Como é que cê tá?

Orador A: Fala, garoto. Muito bom. Finalmente. Tá trabalhando, né, preparando um pandeirinho de dez?

Orador D: É aquele que eu te falei, de nylon.

Orador A: Bom peso, heim? Pô, tá gostoso. Já na pegada já sente que vai ser um bom pandeiro. Agora, esse teu aqui é incrível. Esse aqui é um pandeiro do Rodrigo. Também, quando eu peguei nele, eu falei assim: "Esse é um pandeiro bom". Que tem isso, né, a gente sente o instrumento, né.

Orador D: Tem que ter uma pegada, né.

Orador A: Tem que ter. Às vezes, você pega um pandeiro, tá com um som legal, mas você pega e ele não encaixa na mão, né.

(-música)

Orador D: Bom, então vamos na diferença da madeira. Essa é uma tira de madeira maciça. E a outra madeira seria essa aqui, que é um compensado de sumaúma flexível.

Orador A: Que incrível.

Orador D: E aí, com esse compensado você consegue fazer qualquer formato. São duas folhinhas com uma cola. O segredo deles é essa colinha no meio das duas bolinhas. O compensado, por mais fino que ele seja, os outros compensados vão quebrar por causa da cola. Aí essa cola aqui permite que você faça ele quase, quase dobrar sem quebrar. Antigamente, eu comprava madeira cortada. É uma coisa que eu parei de fazer, porque também até o corte, ele precisa ser feito de uma maneira bem precisa pra você não ter

nenhum tipo de perda, nenhum tipo de desperdício. Às vezes, você chega e quando você cai ver a madeira, a madeira está seca demais ou molhado demais ou tem muito nó. Então, assim, cada madeira tem que ser comprada com muito critério.

(-música)

Orador A: E tu trouxe aqui uma coleção de pandeiros interessante, né. Vamos lá, vamos apresentar os pandeiros aqui.

Orador B: Então, do Brasil, é o pandeiro que eu gosto, que é o pandeiro do Bira.

Orador A: O pandeiro do Bira, esse aí.

Orador B: E aí, tem o do [inint] [00:08:16], né, japonês.

Orador A: Japonês, é.

Orador B: Esse aqui é engraçado, que japonês tem isso, né: olha, assimila e faz um negócio melhor.

Orador A: Parecido com o Adalberto.

Orador B: Esse daqui ele pescou no modelo Adalberto, que é uma referência dos anos noventa, antes até.

Orador A: É.

Orador B: Pra todo luthier de pandeiro. Ele foi lá e fez com o mesmo desenhinho. Ele nem nunca conheceu o Adalberto, mas ele chama "Pandeiro modelo Adalberto".

Orador A: Adalberto, é.

Orador B: (-risos) E o pandeiro que eu tenho usado, que é o Cooperman, que é legal...

Orador A: É um pano, né? Pano com plástico.

Orador B: É uma pele de pano, tem plástico embaixo. O que é legal, que eu acho, é a extensão do som, né, do grave. Lembra um *talking drum*.

Orador A: É.

Orador B: Um tama. Você vê que existem pessoas no mundo inteiro tocando e fazendo pandeiro. Isso é muito interessante. E, hoje em dia, pra você tocar pandeiro você não precisa tocar música brasileira. Você pode tocar música brasileira sim, é uma inspiração eterna, mas você pode tocar outras coisas, de outros países, né, e isso que é legal: que o pandeiro está virando um instrumento de síntese de ideias para qualquer que seja as ideias, né.

Orador D: Cada luthier tem uma identidade de platinela. E aí, quando você vai medir o somatório das duas, você vê que são diferentes, os tamanhos inclusive. E aí, eu fui testando diversos rasgos até chegar numa medida que eu achei que fosse um casamento perfeito, né. A vibração do corpo, na irregularidade ela vai perdendo a vibração.

Orador A: Vai chiando.

Orador D: Ela só estampada, ela toda lisinha, ela vibra confortável e fica vibrando à vontade.

Orador A: É.

Orador D: Quando você vai martelando, que você vai dando aquela irregularidade, ela vai perdendo e vai ganhando no S, ao invés do T, ela vai (ti-ti-ti), deixando de bater tanto.

Orador A: É verdade.

Orador D: Dando esse tom mais parecido com um *hi-hat*, com um contratempo, com uma coisa assim, bem ti-ti-ti. São vários tipos de timbres, né.

Orador A: Claro.

Orador D: Assim, é o que você falou: você tem trinta e cada um: um bate mais, outro bate menos, um vai pro rock, outro vai pro pop.

Orador A: Exatamente, um mais fechado, outro mais aberto.

Orador B: Intuitivamente, todas essas técnicas que eu falei, da capoeira, do frevo, do partido-alto, você começa pela parte debaixo da mão. É intuitivo do pandeiro. Esses dois toques são os toques mais confortáveis.

Orador A: É.

Orador B: Mas o Suzano listou, viu que tinha grave embaixo e o grave em cima. Esse grave em cima é um desenvolvimento da linhagem do choro, que vem lá do João da Baiana, vai vindo, vai vindo, passa por Gilberto d'Ávila, Risadinha, muitos anônimos, pessoas que, infelizmente, a gente nunca vai ter registro, e o Jorginho do Pandeiro, que nos deixou esse ano, que a gente faz uma reverência, que usava esse grave aqui na hora de tocar choro. Esse grave aqui é um desenvolvimento. E o Suzano, quando ele pegou o pandeiro, ele viu que ele podia começar por aqui. Isso é uma coisa nova. E aí, a gente tem sons de graves embaixo, som grave em cima, som médio, som médio, agudo, agudo. E aí, você começando por cima, pra tocar um pop, uma música pop, um rock, uma coisa assim, mais... Vai cair certinho: um, dois, três, quatro. E fica confortável. Então, abriu-se uma janela pra música pop, música não só a brasileira, propriamente dita.

(-música)

Orador B: Uma das coisas que eu mais gosto do pandeiro, que a gente explora muito no nosso trabalho, a gente gosta de conceituar falando que é a "melodia do ritmo".

(-música)

Orador B: Dá pra fazer melodia, né.

(-música)

Orador D: A diferença do couro se dá no tratamento, na hora que ele entra naquele banho.

Orador A: Na química.

Orador D: E cada lugar tem a sua química. E é o mesmo animal, né. Então, assim, é essa química que dá a diferença, a química que eles usam pra poder soltar o pelo.

Orador A: Entendi.

Orador D: Porque, quando eu fiz aquele tamborim, com aquele som bem agudinho...

Orador A: Ahã.

Orador D: Ele é o couro cru. Você tira só o pelo, ele não entrou em química nenhuma. Por isso que, às vezes, o pessoal tem aquela mística do couro de gato, né, do tamborim de couro de gato.

Orador A: É, de gato.

Orador D: Mas não é, não. Eu acredito que seja uma verdade. Por quê? Porque, antigamente, um bloco saia dez pessoas, um no surdo, um no macaco... Não era o que a gente vê hoje. Era aquele bloquinho... Entendeu? E aí, pô, o cara não precisava matar gatos pra poder fazer o tamborim. Morreu um gatinho ali, o cara guardava o couro. Porque o couro cru, ele tem essa característica de ele ser mais seco.

Orador A: Aqui é seu maquinário, né?

Orador D: Aqui é o torno, né, onde eu faço a parte de acabamento lateral, das duas laterais.

Orador A: Das laterais.

Orador D: Depois ele entra na outra máquina, que tá aqui, que aí a gente abre os rasgos da platinela. Aqui, essa máquina aqui funciona dessa maneira aqui. Depois a gente abre o rasgo.

Orador A: Olha, ah rapaz, olha que legal.

(-música)

Orador D: Esse aqui foi o meu primeiro tambor. Essa daqui é da época que eu tocava na banda. E aí, a história começou assim: eu precisava de um instrumento que a gente não vê...

Orador A: Não vê, isso não existe.

Orador D: ... no mercado, à venda, disponível. E aí, eu tinha um tronco de eucalipto lá de Friburgo, de trinta anos atrás, eu falei: "Cara, tô fazendo nada mesmo, vou cavar isso aqui e ver o que que acontece". Eu fiz esse para mim e aí, onde eu onde eu ia trocar, o pessoal: "Cara, que isso? Da onde saiu esse instrumento?", eu falei: "Pô, foi eu que fiz". Aí, foram encomendando, encomendando, encomendando. Aí comecei a fazer outros tipos de formato, outros tipos de tamanhos.

Orador A: Esse aí é que tamanho?

Orador D: Esse é um tamanho. Quando eu trabalhava só com tronco de árvore, fazendo os tambores de grandes, precisava de uma estrutura, de pessoas e de transporte desse material, isso foi começando a se tornar um fator de dificuldade.

Orador A: É difícil.

Orador D: E aí, assim, pra eu competir com o instrumento africano, com uma tradição já milenar, eu vou cair pro pandeiro, que é onde eu já tô já.

(-música)

Orador D: Quando eu procuro um pandeirista, eu vou até chegar no gosto daquela pessoa.

Orador A: Claro.

Orador D: Eu me satisfaço em realizar a vontade daquele músico. Que ele sinta o instrumento com a identidade dele. É o meu instrumento, mas cada músico tem um pandeiro meu diferente. Porque é a personalidade do músico no instrumento.

Orador A: Claro, claro.

Orador D: Eu tenho essa variedade de poder fazer combinações diferentes de madeira, de platinela, de abafador. Às vezes, a pessoa não sabe nem o que quer. Descreve, por exemplo: "Pô, ouvi uma música".

Orador A: É, "aquele som".

Orador D: "Ouve aí. É esse som que eu quero". Aí eu vou lá trabalhar até garimpar aquele som que aquela pessoa quer. Esse tipo de trabalho, ele acaba sendo até uma terapia, porque você fica ali, imerso naquele universo, ali, do instrumento musical. Quando você tá ali trancado numa oficina, só com máquinas e o material, você sente aquela vibração do que já foi um animal, do que já foi uma árvore, você dando um pouco da sua vida, da sua alma ali naquele instrumento que futuramente vai ser usado, ou por diversão ou profissional. Assim, é uma coisa que você tá criando que vai virar uma coisa muito maior.

(-música)

Orador D: O primeiro sentido que a gente é aguçado é a visão, né. Assim, a gente primeiro bate o olho e se já não agradou visualmente, no som pode até ser bom, mas não é aquele mesmo impacto. Quando você já viu e já gostou visualmente. aí, o som só engrandece ainda mais aquele primeiro impacto que você teve, visual.

(-música)

Orador B: Eu comecei no Pife Muderno, substituindo o meu mestre, Marcos Suzano. E aí, ele viajava pra caramba, fazendo turnê pra lá e pra cá. E aí, quando ele não podia, eu tocava. E aí, quando a gente for gravar o disco, o Malta me convidou também, ele gravou metade e eu gravei metade, mas aí começou a rolar os shows. E tinha show que o Suzano podia e eu podia também, aí, o que Malta fazia, em sua sabedoria, sua vontade de somar, ele chamava os dois, dois pandeiros na formação que é só de percussão e flautas. E eu olhava pro lado e falava: "Caraca, que que eu tô fazendo aqui? Já tá tudo lá, o Suzano já toca esse show há anos. Quê que eu vou...". Demorou pra eu saber me colocar, né, saber entender. Mas, assim, me inspiro no futebol: no futebol, às vezes, tem um jogador com a mesma característica e você muda um pouquinho ali, não sei o que... E a música tem isso: você muda um pouco a função... E, então, eu comecei a entender que, às vezes, a gente podia fazer, eu podia fazer coisas complementares à tua lá, e tinha horas que era pra fazer *naipe* mesmo, juntar é pum, ficava super poderoso.

(-música)

Orador A: Fala, Rodrigo. O Rodrigo trouxe, alá, ih...

Orador D: Esse aqui, inventei aqui. Eu não sei que que vai dar não, vamos ver a opinião dele.

Orador A: Vamos ver.

Orador B: É o charuto?

Orador D: Nunca fiz. Tinha um tronco lá, que eu te falei, de coqueiro maciço. Trouxe ele pra gente ver, vamos ver se ele segura afinação. Arrumei um arozinho lá também, mais ou menos.

(-música)

Orador B: Já tá pronto.

Orador D: Aí eu trouxe esse de *nylon* também, que eu sei que tu não é muito...

Orador A: Não, o Bernardo não gosta de pandeiro de *nylon*.

Orador B: Não, eu tô precisando...

Orador D: E o de onze...

Orador B: Aro de alumínio?

Orador D: É

Orador B: Legal, heim.

Orador D: Esse é o de onze, um pouquinho maior. [inint] [00:22:35]

Orador B: É, botar uma fitinha aqui vai ficar... Mas tem potencial aqui. Eliminando esse (-toque no pandeiro), o harmônico.

Orador A: É, o harmônico é um problema.

Orador B: Eliminando isso. É confortável de tocar esse pandeiro aqui.

Orador A: Esse pandeiro é de onze?

Orador B: Nunca vi um pandeiro de *nylon* tão leve.

Orador D: Eu preciso que ele seja leve. Uma necessidade de todo mundo que toca pandeiro é um instrumento leve, né.

Orador B: Uhum.

Orador D: Porque, pô, você fica sustentando ele numa mão só e mexendo, sentando a mão com a outra.

Orador B: Pois é.

(-música)

Orador D: Realmente tem a questão do apego ao instrumento, porque, né, assim, a gente passa ali um tempo, horas criando uma coisa com prazer. Então, o produto final, realmente, assim, às vezes dá vontade de ficar, ficar supera as expectativas. Mas o meu prazer maior, realmente, é quando o músico toca e a pessoa gosta do instrumento. Porque o processo de criação, ele é eterno. Se eu ficasse com todos os instrumentos que eu criei, não ia ter nem lugar que eu pudesse tocar ou guardar ou executar. Então, assim, o prazer maior é tá vendo essa continuidade, tá vendo o instrumento entrar, sair. E quando ele fica pronto, que eu vou testar, eu já fico imaginando a pessoa que vai receber esse instrumento, a sensação que ela vai ter de ouvir aquele timbre, de sentir a pegada, de ver a cor da madeira. Isso é uma coisa que me satisfaz, de testar e ver: "Pô, tá ótimo. A pessoa vai, tá do jeito que a pessoa queria". E aí, assim, o apego vai saindo tudo nessa hora, vai sendo transformado nesse sentimento de satisfação por ter mais um filho meu indo pra a vida, né, sendo criado, indo fazer sucesso.

(-música)

Orador B: Valeu, mestre.

Orador A: É, matei saudade. Eu fico só mexendo nos discos de vocês.

Orador C: Satisfação grande.

Orador A: Valeu, gente. Brigadão, cara.

Fim da Transcrição [00:25:47]